

Quinta-feira, 8 de Março de 1958

RUBEM BRAGA

PORTINARI

ENTRE a guerra e a paz eu escolhi a paz, assim eu decidi dentro de meu coração. Portinari, estou certo, sentiu o mesmo. Sua guerra é feita de mulheres chorando; não há explosão nem crime, nenhuma crueldade, apenas um belo tigre feroz. Os cavalheiros que passam armados — minha amiga notou — não são guerreiros de verdade, são imagens que parecem estar mais no espírito das mulheres. É uma guerra subjetiva, em que se representa mais a tristeza que a violência; a guerra pintada por um pacifista.

Os símbolos da paz são jovens e crianças. Há um nobre tumulto de alegria, harmonioso e feliz; tudo respira inocência, frescura, beleza, pureza. Nem sequer há o amor, um homem que estivesse deitado, com a cabeça no regaço de uma mulher sentada, um jovem par que avançasse de mãos dadas. O mundo amanhece feliz, de uma felicidade puríssima, de uma alegria tão profunda que todos estão sérios.

Na verdade os símbolos escolhidos importam muito pouco; a mensagem se revela é nas maravilhas da cor, do desenho, da composição. Ficamos comovidos no meio do povo que enche o teatro escuro; os painéis iluminados no palco palpavam, esplendiam, eram como uma cachoeira, um incêndio na floresta, algo de imenso e fascinante. Mas depois, em silêncio, a gente ia se acostumando com os painéis, se sentia como se pudesse passear dentro deles, ser amigo e irmão de sua gente.

Na maior cidade do mundo, no palácio que outro brasileiro — Oscar Niemeyer — ajudou a imaginar, a arte de Cândido Portinari vai ser uma extraordinária presença de Brasil.